

FIGUEIRA, Thomas (ed.), *Myth, Text, and History at Sparta. Gorgias Studies in Classical and Late Antiquity, 18*, Piscataway, NJ: Gorgias Press, 2016, 330 pp. ISBN 9781463205959.

Thomas Figueira, reputado professor da Universidade de Rutgers e conhecido especialista em História Antiga e estudos sobre Esparta, coordena este interessante livro publicado sob o título de *Mito, Texto e História em Esparta*. O volume resulta da junção de três ensaios, um assinado pelo próprio autor e organizador e outros dois assinados por alunos seus de pós-graduação. A qualidade dos trabalhos é homogênea e obedece aos mais elevados padrões de qualidade científica.

O primeiro capítulo, assinado por Thomas Figueira, versa sobre *Politeia* e *Lakonika* na historiografia espartana e visa, em primeira instância, reabilitar os estudos sobre Esparta de historiadores de fins do período clássico e do período helenístico, que haviam sido acusados de distorcerem a tradição espartana, criando a chamada miragem, termo cunhado por F. Ollier num estudo clássico de 1933/43, *Le mirage spartiale*. O estudo de Figueira pretende rebater esta acusação da miragem, oferecendo-nos uma revisão sistemática de três importantes, ainda que pouco conhecidas, autoridades históricas nesta matéria, três historiadores estoicos que se debruçaram sobre a politeia espartana, com destaque para Esfero, membro destacado da corte de Ptolomeu, enviado como emissário em finais do séc. III a. C. à corte do rei Cleómenes III da Lacónia; o sábio espartano Sosíbio, intelectual da corte de Ptolomeu II, que combinou tradições cultuais e folclóricas da sociedade lacónica com a cultura helenística, tornando-se uma das mais importantes fontes históricas para o estudo da religião e da sociedade espartana; o aristocrata espartano Aristócrates, autor dos inícios do Império Romano e uma importante testemunha do esforço espartano de preservação da sua *agoge*, *diaita* e demais costumes e tradições durante o período da hegemonia romana. Figueira parte da análise detalhada e sistemática de todas as referências fragmentárias e citações destes autores antigos quase desconhecidos que escreveram tratados desaparecidos sobre Esparta; reconstrói-lhes as vidas, as obras e o contexto histórico; e verifica quanto o seu trabalho contraria testemunhos existentes sobre as instituições espartanas, afetadas por significativas distorções, causadas por algum idealismo e anacronismo. Comprovada fica ainda a existência de importantes obras sobre Esparta na época clássica e não apenas no período helenístico e posterior, como se cria. Figueira lida com um impressionante acervo

documental, onde sobressaem os nomes de Plutarco e Ateneu assim como os *Fragmenta Graecorum Historicorum* (FGH). O ensaio divide-se em várias partes. Ao resumo e à introdução segue-se uma tábua cronológica adaptada dos FGH com os nomes dos 23 historiadores gregos antigos e os respetivos títulos das obras que escreveram sobre Esparta. Na secção seguinte, Figueira aborda os trabalhos dos “constitucionalistas” ou (autores de *politeiai*) estoicos Perseu, Esfero e Dioscórides, todos influenciados por Zenão de Cítio, que, de acordo com Plutarco (*Lycurgus*), tomou do legislador espartano Licurgo a *hypothesis* da *politeia*. As secções seguintes debruçam-se sobre as “constituições” estoicas, o seu enquadramento histórico e historiográfico, e vêm acompanhadas de uma tábua cronológica retirada da obra de Ateneu *Deipnosophistae* (*A refeição espartana*), onde figuram nomes de relevantes autores helenísticos de constituições espartanas. As secções seguintes, que correspondem a bem mais de metade do ensaio, são dedicadas aos três historiadores estoicos supra-mencionados: Esfero, Sosíbio e Aristócrates. O ensaio, embora denso e, por vezes, difícil de seguir, revela a extraordinária competência científica do autor e o domínio que o mesmo possui sobre o assunto. Para além de fornecer imensa informação sobre estes autores estoicos (alguma resultante de conjecturas, com grande grau de plausibilidade), o ensaio contribui grandemente para desfazer a noção de miragem de que os estudos sobre Esparta se viram alvo nos últimos cem anos, fruto de um hipercriticismo exercido sobre as fontes. É este hipercriticismo e niilismo epistemológico que Figueira aqui combate com admirável mestria (ver a recensão de Timothy Doran a este mesmo texto em BMCR 2017.05.16).

O segundo capítulo, assinado por Aaron J. Beck-Schachter, tem o título de *Lysandreia*, referindo-se o título às ambições do heraclida Lisandro, que em Samos, em 404, se declarou a si próprio como um novo *arkhegetes* (fundador), e propôs que se venerasse a sua figura por intermédio de um dispendioso conjunto estatutário que mandou elevar para o efeito. Beck-Schachter pretende demonstrar que a *Lysandreia* foi uma tentativa de usurpação e subversão dos tradicionais privilégios e honras dos reis de Esparta, provenientes da sua condição de sucessores dos fundadores (*arkhegetai*) da primeira colonização. Beck-Schachter divide o argumento em duas partes. Na primeira analisa e discute o papel dos reis espartanos enquanto *arkhegetai*, destacando o modo como a relação existente entre esta instituição e as narrativas fundacionais dos Heraclidas, a sua reinstitucionalização por Licurgo e o seu papel ideológico no desenvolvimento da *politeia* espartana

concorrem em conjunto para legitimar as ambições do navarco Lisandro. Na segunda, analisa a manipulação e subversão destas prerrogativas por parte de Lisandro. Devido ao seu estatuto de fundador marginal dentro da elite governativa espartana, qualquer tentativa de autoengrandecimento do género da *Lysandreia* funcionava necessariamente como uma ameaça aos direitos sucessórios das famílias reais espartanas.

Aaron Hershkovitz é o autor do terceiro e último capítulo do livro, onde analisa uma versão menos estudada do rapto de Helena de Esparta. De acordo com a versão aqui tratada, esta teria sido raptada por Teseu, originando a primeira expedição (mítica) de Esparta contra Atenas, e fora resgatada pelos irmãos, Castor e Pólux, os Dióscuros, durante a invasão da Ática. Esta versão teria sido ofuscada pela mais conhecida do rapto Helena pelo príncipe Páris de Troia, não tendo o tema recebido especial atenção por parte de dramaturgos e outros artistas públicos atenienses. O autor considera, no entanto, que o mito merece ser estudado devido ao seu estatuto pan-Helénico e às suas ressonâncias históricas, bem como pelo estado fragmentário e fragmentado da sua transmissão. Divide, pois, o estudo em três partes. Na primeira, analisa o relato de Helánico, o qual, tendo sido considerado durante muito tempo uma das fontes mais importantes para este mito, nunca foi devidamente interpretado. Na segunda, explora as variantes narrativas do mito, usando estes detalhes díspares para tentar descobrir as estruturas básicas da narrativa mítica e para mostrar como é que o mito foi adaptado por diversos auditórios em tempos e lugares diferentes. Por último, partindo desta análise, observa como a propaganda política entre os Pisistrátidas e os confrontos entre Cleómenes, Iságoras e Clístenes nos finais do séc. VI a. C. afetaram a evolução e o desenvolvimento político do mito, que deixou de ter qualquer valor político e social, tornando-se antes um embaraço para a polis civilizada de um rei populista. A secção fecha com a apresentação de quatro apêndices atestando as várias representações literárias e pictóricas do mito. Com este ensaio, Hershkovitz pretende responder a um artigo publicado por E. Irwin em 2013 (“‘The *hybris* of Theseus’ and the date of the Histories” in B. Dunsch and K. Ruffing (eds), *Herodots Quellen – die Quellen Herodots*, Wiesbaden 2013), no qual o autor vê no mito do rapto de Helena por Teseu uma série de elementos que remetem para os horríveis acontecimentos de finais do séc. V em Atenas. Por seu lado, Hershkovitz, como vimos, analisa o mito à luz de acontecimentos de finais do séc. VI, inícios do V.

Sendo um livro bastante equilibrado no seu todo, revela o brilhantismo intelectual e científico dos seus autores. Não obstante, mesmo quem possua

um conhecimento substancial das matérias específicas em causa não deixará de sentir algumas dificuldades em acompanhar a exposição, pela intrincada densidade e minuciosidade do texto. Uma reorganização editorial do texto, em vista da sua simplificação e compreensão, podia ter sido útil. Todavia, não deixa de ser um excelente contributo para o conhecimento da mitologia e da história de Esparta.

MARTINHO TOMÉ MARTINS SOARES

martinhosoares@gmail.com

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos

<https://orcid.org/0000-0001-8153-2014>

https://doi.org/10.14195/2183-1718_76_12